



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

4 MASSAS

ÓRGÃO BISEMANAL DA TENDÊNCIA PELO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL
ANO XIII - Nº 270 - DE 21 DE OUTUBRO A 03 DE NOVEMBRO DE 2003 - R\$ 1,50



**Os operários, camponeses, professores, estudantes
e a população mais empobrecida se levantam em armas
e impõem a não entrega do gás aos EUA e a deposição do presidente
Todo apoio à luta revolucionária na Bolívia!**

**As lições desse levante que as massas ao mesmo tempo
mais incultas e mais avançadas politicamente do continente
nos dão: É tomando em nossas próprias mãos a solução
de nossos problemas que podemos avançar.
É nos organizando com democracia operária (como os
cabildos) que impulsionamos nossos movimentos.
É construindo um partido revolucionário que**

**reafirmamos a nossa luta revolucionária
pela construção da ditadura proletária**

Quinzena de Lutas

Indicadores Detectam Aumento da Inflação

A inflação calculada pelo IPC da Fipe atingiu 0,84% em setembro. Foi a maior taxa mensal registrada pelo índice, desde fevereiro deste ano, quando chegou a 1,61%.

Já o Índice de Custo de Vida do Dieese subiu 1,26% em setembro. Maior alta desde abril deste ano. No ano, até setembro, o acumulado do ICV está em 8,42% e, nos últimos 12 meses, 15,86%.

O IPCA teve alta de 0,78%. Esse é o índice de referência do governo para as metas da inflação. E o acumulado do ano está em 8,05%. Em 12 meses, a variação chegou a 15,14%.

O principal motivo da alta foi o reajuste das tarifas de água e esgoto de 19%, além do preço das carnes e das tarifas telefônicas. Como sempre, as famílias de menor poder aquisitivo foram as mais afetadas pelo aumento de preços.

Petroleiros rejeitam proposta "irreversível" e falam em greve

A direção da Federação Única dos Petroleiros (FUP) rejeitou, no dia 9/10, a proposta de 10,7% de reajuste, feita pela Petrobras. Além disso, os petroleiros vão discutir na semana que vem se entram em greve — por 72 horas — ainda neste mês.

Antes, a FUP vai procurar a empresa para tentar reabrir as negociações. A proposta de 10,7%, feita em 26 de setembro, era válida também para as subsidiárias Transpetro, Refap e Petroquisa, em um total de 40 mil trabalhadores — 35 mil apenas na Petrobras, que até então oferecia 10,2%.

A empresa também ofereceu a elevação de um nível salarial, o aumento médio seria de 15%, segundo a FUP. Mas os trabalhadores — que reivindicavam 23,35% — querem no mínimo 15,5% apenas de reajuste, retroativo à data-base da categoria (1º de setembro). Os 15,5% equivalem à variação do ICV-Dieese em 12 meses.

A decisão de rejeitar a proposta havia sido tomada dia 7/10 por unanimidade pelo conselho consultivo da FUP, forma-

do por 17 sindicatos. O próximo passo será realizar assembleias nas várias regiões do país, que decidirão sobre a greve. Nesse caso, a FUP fixaria a data da paralisação.

Greve dos Bancários da Caixa e do BB

Os funcionários do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal fizeram no dia 10/10 a última tentativa de acordo, antes da paralisação.

O encontro que ocorreria entre sindicalistas e o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, acabou não acontecendo. Os bancários querem que BB e Caixa acompanhem o acordo firmado com a Federação Nacional dos Bancos (Fenaban), que inclui 12,6% de reajuste, abono de R\$ 1.500 e participação nos lucros ou resultados (PLR). Até agora, o setor público não deu sinal de que acompanhará esse acordo.

A greve dos funcionários do BB e da Caixa mostrou a disposição de luta presente entre os bancários. Os bancários do BB de vários estados aceitaram um acordo que prevê 12,6% de reajuste e abono de 1500 reais, e encerraram a greve no dia 16/10. O movimento não se expandiu e unificou por causa da política da direção sindical, comprometida com o apoio ao governo e fundamentada na conciliação de classes. Até o fechamento desta edição, a Caixa continuava em greve.

Volks tenta acordo em Taubaté

A Volkswagen e o Sindicato dos Metalúrgicos de Taubaté reuniram-se no dia 09/10 para tentar um acordo sobre os 2.010 trabalhadores que a empresa considera excedentes. O sindicato quer o mesmo acordo maldito feito em São Bernardo: que a empresa abra um programa de demissões voluntárias (PDV), e que garanta o emprego dos trabalhadores que não aderirem a esse plano. Mas, a reunião terminou sem acordo. Para a burocracia sindical houve avanços, pois o presidente da Volks do Brasil, Paul Fleming, participou do encontro, o que não

é rotineiro em negociações trabalhistas.

Essa é uma forma encontrada pela burocracia para não lutar de verdade pela manutenção do emprego. Enrolam em negociações intermináveis e, por fim, aceitam a demissão dos trabalhadores e firmam os acordos malditos.

Aliança dos metalúrgicos

A direção dos Metalúrgicos da CUT deu prazo até o dia 24/10 para que o Sinfavea (sindicato das montadoras) apresente uma proposta de acordo salarial. Caso contrário, a federação estadual da categoria ameaça intensificar manifestações nas fábricas e admite organizar uma greve no setor. No dia 09/10, houve duas horas de protesto na General Motors de São José dos Campos, base da CUT e do PSTU, inclusive com a presença de dirigentes da Força Sindical.

O presidente do sindicato de São Paulo (Força Sindical), Eleno José Bezerra, que esteve em São José, detendeu a greve. "As montadoras estão mal-acostumadas". Oitocentos funcionários da GM que estavam em férias coletivas desde 22 de setembro voltaram ontem ao serviço.

O presidente da Federação Estadual dos Metalúrgicos da CUT, Adi dos Santos Lima, disse que a entidade não abre mão da mudança da data-base (de novembro para outubro, neste ano, e para setembro a partir do ano que vem). Os metalúrgicos reivindicam reposição de perdas e 4% de aumento real. Já as negociações do setor químico, que reúne 250 mil trabalhadores, começam semana que vem. Eles querem 20%.

Metalúrgicos terão reajuste de 17% no Rio

O Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, que representa 55 mil trabalhadores em 11 municípios, assinou no dia 9/10 o acordo referente à data-base (1º de outubro). É um acordo que não repõe as perdas, serão 17% de reajuste, 12% agora e 5% em janeiro. Nesse índice está incluída a antecipação de 9% paga em maio, ou seja, só haverá 3% de reajus-

te agora.

É necessário impor uma verdadeira luta de classes

Como vemos, o aumento constante da inflação, principalmente das tarifas públicas e de gêneros alimentares, tem levado a um empobrecimento dos trabalhadores. Já há tempos o movimento sindical não luta por aumento real de salário, e, nas negociações, poucas cate-

gorias conseguiram índices que se equiparassem à inflação. Somam-se a isso o aumento do número de demissões, de terceirizações e outras formas de acordos que rebaixam salários e direitos dos trabalhadores.

A burocracia não trava nenhuma luta conseqüente, nem pelo aumento real de salário, nem contra as demissões. Os shows e encenações das direções sindicais acabam rapidamente como fogo de palha. Mesmo a tal chamada campanha

salarial unificada só tem servido para as direções poderem desfilar em conjunto.

É necessário acabar com tudo isso! Temos de exigir verdadeiras assembleias de categoria e que nelas se tirem comandos de mobilização e que esses comandos de categoria se integrem num comando geral de mobilização das categorias em luta. Só assim, utilizando a força da luta de classe, da ação direta, é que poderemos lutar conseqüentemente por salário e emprego.

Lula estimula desemprego, negocia a Alca e mantém prisões políticas dos sem-terra

Os dados econômicos do país se mostram positivos aos investidores estrangeiros. Quer dizer que a política econômica do governo do PT/Lula tem se mostrado confiável aos parasitas do capital financeiro internacional. A aprovação da reforma da Previdência, os cortes de gastos públicos, a preservação da elevada taxação na reforma tributária, o empenho em realizar a reforma trabalhista, tudo isso favorece amplamente os capitalistas. Agora, virá ainda um pacote reguiamentando as chamadas parcerias com as empresas privadas, em que o Estado se compromete a cobrir quaisquer prejuízos obtidos, tornando o investimento algo sem risco. Mais motivos para alegria dos capitalistas.

As massas, no entanto, padecem com a política neoliberal que impõe arrocho salarial e desemprego. O Brasil alcançou a primeira posição mundial no ranking das demissões. E nada indica que isso vá mudar de rumo, ao contrário, as medidas tomadas e as propostas patronais vão no sentido de cortes de emprego, salário e direitos trabalhistas.

A Alca virá com maior superexploração do trabalho

Nas negociações ao redor da implantação da Alca, o Brasil tem perdido aliados e os Estados Unidos tem reforçado suas pressões. A reivindicação brasileira de base para a Alca no Mercosul tem cada vez menos força. Os Estados Unidos ameaçam com acordos bilaterais para cada país em separado se não

houver "acordo" sobre suas imposições. O governo brasileiro tem recuado em alguns aspectos, mas procura preservar os interesses de setores exportadores. Os negociadores do governo do PT/Lula já anunciaram que negociarão o que for possível, mas que assinarão o acordo.

A imposição da Alca levará à quebra de parte da economia nacional, ampliação da dependência externa, mudanças nas relações trabalhistas e destruição de serviços públicos. Em síntese, aumento da opressão nacional e social. E as organizações de massa, atreladas ao governo, não mobilizam para enfrentar essa ameaça que se aproxima.

Os sem-terra sob a repressão do governo do PT/Lula

As prisões de lideranças, como José Rainha, Diolinda e seus companheiros vem acompanhada de condenações, do maior armamento dos fazendeiros, de mais assassinatos, e de mudanças na política governamental, que apontam para menos assentamentos e mais financiamentos (proteção do latifúndio).

A questão da terra vai assumindo um caráter cada vez mais conflitivo, e o governo do PT/Lula assiste ao aumento da opressão sobre os camponeses pobres conivente com as prisões políticas e o crescimento dos assassinatos.

É tarefa de todos os movimentos exigirem a libertação dos presos políticos do MST e o fim da Medida Provisória de criminalização das ocupações.

Estudantes se manifestam

As diversas manifestações estudantis indicam que há uma tendência de luta que poderia ser unificada pelo país se as organizações nacionais UNE e UBES o quisessem. Mas estão comprometidas com o apoio ao governo e deixam os movimentos isolados e sob o tacão da repressão. Os estudantes têm de ultrapassar os limites impostos por essas direções e constituir um amplo movimento nacional de defesa do ensino público.

Acordos malditos contra os operários

A burocracia sindical gritou, chorou, bufou e ameaçou. A seguir, defendeu o acordo de eliminação de postos e trabalho na Volks. Para impô-lo aos operários, teve de manobrar a assembleia, impedindo que a oposição se pronunciasse. Ainda assim, teve mais de um terço da fábrica votando contra. Poucos dias depois, iniciou a campanha salarial com a Volks desarmada pelo acordo e com greves pipoca nas outras montadoras. Tudo para chegar a novos acordos com os patrões e impedir a luta unificada da classe. Assim, a direção sindical vai abrindo caminho para outros acordos e para a implantação da flexibilização (destruição do trabalho). Os operários têm de exigir a convocação de assembleias gerais, eleger comandos de mobilização de base e enfrentar a ofensiva patronal, ou o emprego e salário serão cada vez mais atacados.

Eleições do Sinte Regional - Ação Direta vence o Centrismo

Nos dias 28 e 29 de agosto, ocorreram as eleições do Sinte Regional de Ceará-Mirim. Foram três chapas inscritas: chapa 1, Força Revolucionária (com hegemonia política da Corrente Proletária - POR); chapa 2 Construindo com as Bases (cora hegemonia política do PSTU) e chapa 3, Ampliar e Lutar Sempre (do PC do B).

As eleições transcorreram do modo mais democrático possível; permitindo a ampla participação da categoria. Para isso, contou com 11 urnas e a possibilidade de todos votarem - mesmo não estando na lista de eleitores - uma vez que a base filiada é toda conhecida pelas chapas. Isto ficou acordado em reunião com as chapas e a Comissão Eleitoral.

PSTU NÃO DEFENDE A PROPORCIONALIDADE

A eleição da Regional é submetida ao Estatuto estadual do Sinte que, por causa da hegemonia do PT, determina a maioria. A intenção da Corrente Proletária (POR) era realizar uma eleição que, em sua prática, combatesse a burocracia reformista. Neste sentido, defendeu publicamente em seu programa a proporcionalidade. Em caso de vitória da chapa 1, comprometeu-se em garantir a proporcionalidade.

A chapa 3 (PC do B) silenciou-se sobre o assunto para aceitá-lo taticamente. Como a intenção do estalinismo era estar na direção a todo custo, caso conseguisse o número de votos, pretendia estar na direção. A possibilidade de sua vitória era improvável.

Em sua carta programa, o PSTU omitiu a defesa da proporcionalidade. Questionado publicamente pelo manifesto da Corrente Proletária, ao denunciar o PSTU como abrindo mão de um

princípio da democracia operária, o centrismo declarou-se contra a proporcionalidade e defendeu seguir o Estatuto burocrático do reformismo. O argumento do centrismo era de que a proporcionalidade não era princípio, mas tática. Na verdade, iludido com o resultado eleitoral para o senado na Região, o PSTU acreditava na vitória como certa. Dessa forma, o PSTU agiu de modo oportunista, e desviando-se do trotskismo.

A DERROTA DO REFORMISMO DO PT E PC DO B EM CEARÁ-MIRIM

Nas eleições para o Sinte estadual, a chapa do PT obteve 5 votos. Nas eleições para regional, o PT não teve chapa.

O PC do B lançou uma chapa artificial. Seus membros não participaram da fiscalização da eleição, pouco fez campanha e não tinham membros suficientes para acompanhar a apuração. Conseguiu 15 votos, menos de 10% e, por isto, está de fora da direção.

O PT e o PC do B, em relação à categoria dos trabalhadores em educação, estão derrotados politicamente por causa, em parte, de sua própria política. O PT organizou a militância com o objetivo eleitoral, só aparecia em época de eleições. Dessa forma, desmotivou sua militância mais aguerrida, combativa, em continuar com essa política. Cada vez mais, um grupo importante do PT se distanciou dele e se aproximou de correntes trotskistas. Já o PC do B, foi dirigente do Sindicato dos Funcionários do Município, mas colaborou com o arrocho salarial não organizando a categoria para a luta. Além disso, colaborou com a prefeitura do PFL, compondo inclusive seu governo. Assim, desmoralizou-se

perante a categoria, que se dirigiu para o Sinte com o objetivo de organizar a luta por suas necessidades.

A Ação Direta venceu o centrismo eleitoral

O Sinte Regional de Ceará-Mirim, dirigido pela Corrente Proletária (POR), caminhou a categoria dos trabalhadores em educação para várias vitórias, quebrando, no município, o ponto central do neoliberalismo: o arrocho salarial.

A tática da união com outras categorias, a utilização da ação direta constante e a organização da base enfrentou as prefeituras burguesas e derrotou politicamente o reformismo e centrismo. O reformismo foi derrotado no momento em que a Corrente Proletária forneceu um carrinho de luta pelas reivindicações mais sentidas da categoria. Já o centrismo foi derrotado pela diferenciação política do POR com o PSTU demonstrando a incapacidade organizativa e a política de zig-zag deste último.

A Força Revolucionária (POR) venceu as eleições. Apesar de não significar uma adesão consciente da categoria ao programa da Chapa, significou a autoridade política conferida aos membros da Corrente devido às vitórias ocorridas por ter implementado uma política revolucionária no sindicato.

Resultados

Chapa	corrente	Votos	%
1	POR	213	51
2	PSTU	140	34
3	PCdoB	15	3
Nulos		53	12

Liberdade aos presos políticos do MST!

Fim da medida provisória que põe as ocupações na ilegalidade!

Pelo passe livre para toda a juventude e desempregados! Pela estatização das empresas de ônibus, sob controle dos trabalhadores e da população!

As manifestações pelo passe livre ocorrem numa onda de protestos estudantis pelo país. Em Londrina (Paraná), em Salvador (Bahia), em São José e Ribeirão Preto (São Paulo), em Rondônia, os estudantes têm saído às ruas para lutar contra a elevação das tarifas de ônibus e os ataques ao passe estudantil.

O direito à educação, para ser real, depende também do direito do estudante de ir e vir da escola. Esse direito tem sido atacado pelos empresários de ônibus e prefeituras, que têm efetuado aumentos de tarifas e cortes nos direitos de passe estudantil. O desemprego, que tem se agravado durante o governo do PT/Lula, afeta com mais força a juventude,

de, que dessa forma vai sendo excluída do trabalho e do estudo, ao qual não pode chegar pelo fato de estar desempregada e pelo aumento das tarifas.

A bandeira do PASSE LIVRE para toda a juventude e desempregados é uma reivindicação que busca preservar esses direitos elementares. Ela se choca contra os capitalistas do transporte, que só buscam lucrar cada vez mais, oferecendo serviços cada vez piores e mais caros. E não se trata (apenas) de mau-caratismo dos empresários, mas do fato de que os serviços públicos privatizados são reféns do mercado capitalista e de suas leis de funcionamento.

Por isso, a resolução efetiva do problema do transporte público depende da luta estudantil e da população, juntamente com os trabalhadores do transporte, pela estatização de toda a rede de transporte público, colocando-a sob controle dos trabalhadores e da população, com a obrigação das prefeituras e do estado de garantirem as verbas necessárias a esse serviço, que já sustentamos quando nos taxam com impostos.

A Corrente Proletária Estudantil participa e apóia os movimentos de luta pelo passe livre para os estudantes e desempregados. E defende em seu interior a estatização e unidade com os movimentos operário e popular.

Municipais-SP: Balanço do XIV Congresso do Sinpeem **Resoluções aprovadas indicam maior colaboração do sindicato com o governo petista**

O XIV Congresso do Sinpeem ocorreu no período de 22 a 26 de setembro. Um congresso montado burocraticamente para garantir o apoio do funcionalismo ao governo PT/Marta/Lula. Mais de 3.000 trabalhadores em educação, tiveram de assistir debates truncados, que só serviram para semear confusões no plenário e reforçar o atraso político. Tudo foi feito para dificultar o debate em torno das idéias oposicionistas. Prevaleceram aquelas contidas no texto-base, formulado e imposto pelas correntes que integram a direção do sindicato. Esse texto denuncia as ações anti-trabalhadoras e traidoras dos governos petistas. Porém, esconde a raiz do problema, que é a unidade do PT com setores da burguesia para administrar a crise econômica e o colaboracionismo das direções sindicais. A defesa do texto-base, inclusive no plenário, significou um pacto das correntes, que integram a direção do Sinpeem PT/PCdoB/PSTU, para acobertar a política burguesa e entreguista dos governos petistas.

Nesse congresso, reafirmou-se a política sindical propositiva, que num quadro de apoio governamental significará submissão, e, portanto, nenhuma independência. As campanhas continuarão sendo de pressão, que, se no passado re-

cente, não conseguiu quebrar a política de ataque ao funcionalismo, agora, com o apoio ao governo, implicará em maior colaboração na implantação da política neoliberal.

As correntes que se dizem de esquerda vivem a contradição de sustentar um governo burguês. A política do acúmulo de forças, de usar os sindicatos e movimentos para fazer pressões parlamentares e apoiar o PT ampliou a contradição.

No passado, foi possível fazer alguns debates nos sindicatos sobre o caráter dos governos, as classes sociais antagônicas e a necessidade da luta direta. Eram limitados pelos burocratas que acreditavam ser o PT um partido opositor, de transformações. Agora que esse partido aplica a política neoliberal, não há nenhuma medida em favor dos trabalhadores, a tendência colocada no interior dos sindicatos é a de aniquilamento da democracia sindical. Os burocratas tudo farão para calar os divergentes e facilitar essa colaboração. A defesa de um texto-base é uma expressão disso.

Para combater a burocratização e o caudilhismo das direções, é preciso defender a efetiva independência em relação ao governo e aos partidos burgueses. Caso contrário, os sindicatos estarão cada vez mais estatizados.

Tese Única! mais um ataque à democracia sindical **Objetivo: calar os opositores**

O congresso burocratizado iniciou com a imposição da tese única elaborada pelas correntes que compõem a direção do sindicato PT, PCdoB, PSTU. Essa manobra impediu que o pensamento divergente fosse apreciado com antecedência pelos delegados. Também obrigou as correntes políticas, que estão fora da direção, a fazerem emendas para que fosse possível o debate político. Finalmente, as emendas elaboradas sequer foram apreciadas e debatidas no congresso. Primeiro, porque o caderno de emendas foi entregue aos delegados na véspera do congresso. Segundo, pela alta votação que as emendas deveriam obter nos grupos, 20%. Terceiro, pelo pouco tempo estipulado ao debate tanto nas plenárias quanto nos grupos.

Um congresso sob o poder do burocrata sindical

Virou praxe nos sindicatos cutistas impor congressos de longa duração. Esse não fugiu à regra. Nesses congressos, prevale-

cem as plenárias dirigidas pelos acadêmicos, petistas e coligados afinados com a direção sindical. Estabelecem um regimento congressual que impede a participação ativa das correntes oposicionistas, que ficam à mercê dos cortes e do tempo reduzido que é destinado às discussões e às intervenções em plenário. Todo o congresso fica centralizado nas mãos do caudilho do PCdoB, presidente do sindicato, que tem o poder de escolher quais as emendas, aprovadas nos grupos, que irão para o plenário.

Em nome da "estabilidade da direção proporcional", desse falso debate democrático, o PCdoB conseguiu arrastar os antigos opositores, que hoje estão na direção para cumprirem também a centralização burocrática.

Principais polêmicas

A maior parte das resoluções aprovadas foi elaborada pelo PT/PCdoB, que são:

1) Governo Lula continuará discutindo os pontos da ALCA. Ao mesmo tempo defendem o Mercosul como alternativa à Alca.

Como essas correntes não propõem o rompimento com as negociações, defendem na realidade a manutenção da política

de submissão do Brasil ao imperialismo americano, da agiotagem financeira, do pagamento dos juros da dívida externa etc. O apoio ao Mercosul como fundamento para a Alca expressa a submissão ao imperialismo europeu.

2) As direções sindicais continuarão participando dos fóruns de negociação com os governos: CDE em nível federal e SINP, no plano municipal.

Ou seja, governo e empresários continuarão enrolando os burocratas sindicais com negociações que só garantem lucratividade ao capital, através das imposições das reformas antinacionais e antipopulares.

3) Na educação, manterão a reivindicação do FUNDEB para todo o ensino básico.

Ou seja, a divisão das parcas verbas para o ensino desde creches até o ensino médio. Insistem na divisão da miséria e sequer são capazes de defender o ensino superior público.

O PSTU apenas levantou a bandeira, nem Fundef nem Fundeb. Deixa um vácuo, pois não responde ao problema do orçamento e a garantia de educação pública para todos em todos os níveis. Ao se abster da proposta do POR de estatização de toda

a rede de ensino e fim da rede privada, mostra a incapacidade de defender uma bandeira democrática elementar.

4) Foi mantida a política propositiva, de caravanas à Brasília como forma de pressão sobre o Congresso para aprovação de emendas, feitas pela CUT, contrárias a alguns itens das reformas do governo PT/Lula.

Ou seja, insistem em não combater as reformas neoliberais por inteiro, no método de caravanas e nos atos pacifistas, que só tem garantido vitórias aos governos.

5) Aprovaram uma campanha de isonomia salarial, estabelecendo um índice de acordo com o novo piso das ADIs. O problema está na manobra criada em torno do índice, como forma de abandonar os 21% das perdas da atual gestão e tentar negociar o parcelamento dos 81% da época de Pita/Maluf.

6) Por último, praticamente não haverá campanha salarial, muito menos mobilização nas ruas, contra as reformas da previdência, trabalhista e sindical.

A burocracia se contentou com os 6% negociados em maio e se sentiu aliviada quando a prefeitura pagou depois de tanta enrolação para impor a redução salarial nos casos de ações judiciais.

A repressão é incompatível com a universidade: Fora a Polícia e toda forma de repressão do Campus!

A crise social, com o aumento do desemprego e da criminalidade, têm servido de pretexto para a burocracia universitária quebrar qualquer traço de autonomia universitária e impor a presença da repressão armada no interior da universidade. A mesma burocracia que aplica as políticas de sucateamento da universidade pública e privatização, que proíbe a população de entrar e usufruir dos campi universitários os quais ela sustenta com impostos, impõe cada vez mais a repressão policial no interior da universidade.

Na USP, estudantes são processados e suspensos por participarem de manifestações, a PM circula no campus livremente, a CET passará a entrar também para multar e ajudar a reprimir, instalaram-se câmeras de vídeo e catracas com cartões magnéticos, diretores do sindicato dos trabalhadores são presos dentro da sala em que negociam as reivindicações dos trabalhadores com a prefeitura. Na PUC-SP 15 diretores de CAs são

processados por terem organizado festas sem autorização da reitoria, que as proibiu.

Reproduzimos abaixo trecho do boletim da Corrente Proletária Estudantil de Londrina (PR), que luta contra a repressão:

"O mais grave, entretanto, é que não se trata de uma ação isolada. Já no caso do "pula-catraca", a reitoria tolerou a repressão policial dentro do campus e não mexeu uma palha quando estudantes da UEL foram seqüestrados pela empresa de ônibus e a PM sem motivo algum. No episódio do espaço livre do DCE, a reitoria se antecipou e ela própria ameaçou primeiro publicamente que mandaria a polícia e depois mandou reprimir. Não satisfeita com isto, a administração vem desenvolvendo - quase sem manifestação de oposição dentro da comunidade universitária - o discurso da "ordem" e da "necessidade de limites", conceitos típicos de regimes totalitários. Pois, quem define o que é a "ordem" e qual o "limite", só pode ser o poder, cabendo aos que estão abaixo, apenas acatar. A repres-

são policial é um corolário disso tudo.

No dia 18 de novembro, 16 estudantes vão ter que depor pelo "crime" de ter se manifestado contra o aumento das passagens. Em março do ano que vem, quatro diretores do DCE vão ter uma audiência pelo crime de ocupar o espaço da sua entidade e não se deixar ameaçar pelas provocações da segurança da UEL. Ao mesmo tempo a reitoria coloca as polícias civil, militar e federal dentro do campus, a pretexto de combater roubos e o tráfico. Não sabemos quantos traficantes já foram presos na UEL e quantos roubos foram evitados pela presença das forças repressivas, mas está claro que a sua permanência no âmbito da universidade tem a finalidade de inibir o movimento autônomo dos estudantes e que essa presença do braço armado do Estado burguês significa uma violência contra a Autonomia Universitária.

Em defesa da Autonomia Universitária; fora a Polícia da Universidade!

Contra todas as medidas repressivas ao movimento político dos estudantes!"

Nesta edição:

- 67 volumes das Obras Completas de G. Lora
- Luta revolucionária na Bolívia depõe presidente
- Artigos dos jornais Masas do POR Boliviano

Artigos do Cerqui Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional



67 volumes das Obras Completas de G. Lora

As Obras Completas sustentam no mais alto as concepções marxistas e contribuem para a tarefa de construção do Partido Mundial da Revolução Socialista. A militância em torno das Obras é um dever revolucionário para quem entende a importância decisiva da luta pela construção do programa da revolução proletária e para a derrota ideológica da burguesia.

Trotsky reconheceu que a vitória do estalinismo contra a Oposição de Esquerda, liderada por ele, seria um duro golpe nos avanços teóricos do socialismo científico. De fato isso ocorreu, e hoje o proletariado paga caro por tal regressão. A destruição da III Internacional por Stalin e pelos partidos comunistas burocratizados, bem como a desintegração da IV Internacional, na década de 50, pelos revisionistas do Programa de Transição, desferiram um duro golpe na organização mundial do proletariado.

O POR boliviano, na pequena e atrasada Bolívia, se destacou por dar continuidade às conquistas do marxismo, conseguindo vincular-se fundo ...s massas oprimidas. As Teses de Pulacayo, aprovada pelo Congresso Mineiro, em fins dos anos 40, balizou o desenvolvimento programático do POR no seio das massas. O abundante material político-ideológico contido nos volumes publicados refletem uma atuação partidária contínua e rigorosa, sem o que o POR não poderia atravessar períodos de grandes turbulências, contando entre elas situações revolucionárias e triunfo da contra-revolução.

Somente os pretensiosos esquerdistas, os estúpidos vaidosos e todo tipo de revisionistas, via de regra ignorantes, podem virar o rosto diante dessa importante conquista. As correntes e militantes que assim procedem capitulam ideologicamente frente às pressões dos preconceitos pequeno burgueses, quando não sob o peso do

obscurantismo burguês.

A renúncia em considerar criticamente os resultados de anos de combate do POR no campo marxista-leninista-trotskista e ainda atacá-lo, quase sempre desconhecendo e deformando suas reais posições, como fazem os falsos trotskistas, contribuem para o seu isolamento internacional. Não há nada de marxismo nesta conduta, pelo contrário.

O POR brasileiro, seção do Comitê de Enlace pela IV Internacional, aos poucos compreende coletivamente a importância das conquistas do POR, vem avançando nesse sentido através da experiência conjunta no trabalho internacional. Aumentamos nosso empenho quanto à tarefa de difundir a teoria revolucionária que o POR boliviano encarna. Em nossa pequena trajetória de construção, pudemos constatar o valor dos exemplos práticos e do método do trabalho internacional do POR boliviano. O maior empenho nessa tarefa auxiliará a estruturação do partido no Brasil, o que certamente será um pilar para reconstruir a IV Internacional.

Nos volumes publicados, destacam-se os seguintes temas: Curso de Marxismo para Operários, Sobre a Burguesia Nacional (tomo XXXI); História do Partido Operário (esse tema cobre dois volumes, pois se trata da história do POR). Quem pretender adquirir as Obras Completas ou volumes avulsos basta solicitar a um militante do POR brasileiro ou escrever para nossa Caixa Postal, como consta no Massas.

A Essência da Frente Antiimperialista

A Essência da Frente Antiimperialista consiste em conseguir a unidade da nação oprimida (várias classes sociais majoritárias com relação à classe operária: a classe média arruinada, os artesãos, os campone-

ses – que na Bolívia são formados pelas nacionalidades subjugadas) ao redor do programa revolucionário do proletariado.

Somente esta política frentista é a que pode contribuir ao fortalecimento da revolução e ditaduras proletárias, que na Bolívia será um verdadeiro Governo Operário e Camponês.

O eixo fundamental desta estratégia é a Aliança Operária e Camponesa, que será formada no meio dos combates travados pelos oprimidos e os explorados contra os patrões e seu governo burguês.

Quando dizemos nação oprimida pelo imperialismo, estamos nos referindo a todas as classes sociais que sofrem a opressão externa ou que lutam contra ela sem nenhuma exceção.

Se existisse no país uma burguesia revolucionária em luta aberta contra a nação opressora, não haveria outro caminho do que aceitá-la na frente. Esse extremo é uma mera suposição no plano teórico. Na Bolívia ela simplesmente não existe, e por isso não devemos levar esse ponto em consideração.

Os estalinistas caem num erro monstruoso ao se considerarem obrigados a atuar em conjunto ou por detrás de setores burgueses nacionalistas ou progressistas e, como disse Trotsky, os inventam quando não estão presentes. Trata-se de uma das consequências da aplicação da teoria de revolução por etapas.

A questão chave a respeito está no fato de que a burguesia em luta com o imperialismo teria de se submeter à política revolucionária antiburguesa do proletariado, o que é extremamente difícil, até mesmo impossível.

(extraído do Texto “Considerações Sobre a Política Frentista” de setembro de 1996, incluído nas Obras Completas de Guilherme Lora, nº 64)

Manifesto do POR brasileiro

Luta revolucionária na Bolívia depõe presidente

A deposição do presidente boliviano Sanchez de Lozada pelo levante popular na Bolívia traz várias lições.

A primeira é que se comprova o acerto da política do POR boliviano, que vem apontado para o desenvolvimento de uma situação revolucionária no país. Há algum tempo, o POR vem assinalando as tendências das massas em se confrontarem abertamente contra o regime político burguês e empunharem os métodos insurrecionais de luta, enquanto a burguesia decadente tem se mostrado incapaz de seguir governando como marionete do imperialismo norte-americano e aplicando os planos de destruição da plantação da coca, privatizações e entrega das riquezas do país ao capital estrangeiro, cortes de gastos públicos com os serviços sociais (educação, saúde, previdência). A impossibilidade dos que governam fazê-lo e a insubordinação dos governados caracteriza a situação que se vive no país. Com avanços e recuos momentâneos, a luta revolucionária tem se desenvolvido, e teve como pontos elevados a guerra da água de 2001 em Cochabamba, os levantes de professores e estudantes, a resistência camponesa feita com a luta contra a destruição dos coqueiros, os bloqueios de caminhos e cercos às cidades, e o levante popular de fevereiro de 2003, que chegou a cindir o aparato repressivo. Finalmente, o acordo de entrega do gás boliviano aos EUA, as lutas populares em El Alto e a retomada da mobilização operária a partir das minas de Oruro detonou um grande levante popular, que se unificou ao redor da exigência da deposição do presidente Sanchez de Lozada.

Há alguns anos o POR vem travando uma dura luta política interna, por meio da crítica e autocrítica, para ajustar a intervenção à situação que se vive. Alguns de seus críticos negavam-se a ver o desenvolvimento da situação revolucionária que se processava, simplesmente por não corresponder aos esquemas mentais que formulavam. Mas o POR, que construiu um programa a partir de uma estreita ligação com a realidade de seu



Mineiros comemoram a deposição do presidente boliviano

país, conseguiu expressar em sua política as tendências mais profundas de luta das massas. E vem tentando fazer com que sua militância se ajuste à nova situação, de forma que possa emergir das lutas como direção física destas, e ajudar as massas a caminharem rumo à revolução proletária, única forma de se atender definitivamente as reivindicações das massas.

O país atrasado dá uma lição de luta

O destino da luta revolucionária que se trava na Bolívia tem consequências diretas nos movimentos sociais de outros países, principalmente nos da América Latina. A vitória do recente levante popular, que conseguiu impedir a entrega do gás e prosseguiu até a renúncia do presidente, estimula as lutas contra as políticas neoliberais em todos os países. Essa população boliviana, de maioria indígena, camponesa e analfabeta, tomou em suas mãos a tarefa de solucionar seus problemas, sem nenhuma ilusão na conciliação e no parlamentarismo, e conseguiu, com os métodos de luta

insurrecional, uma vitória importante no caminho de sua emancipação de toda a opressão social.

A radicalização do levante atual expressa uma trajetória de lutas que finca raízes na década de 1940, quando os operários mineiros organizaram sua federação sindical e formularam suas teses de Pulacayo, em que se descreve a realidade do país e se defende a revolução proletária. Tem raízes na revolução de abril de 1952, quando esses mesmos operários mineiros ocuparam a capital e enfrentaram a repressão com suas dinamites, derrubando o governo, mas colocando em seu lugar o governo nacionalista burguês do MNR, que anos depois se tornaria abertamente pró-imperialista. Tem raízes na Assembleia Popular de 1971, primeira organização de tipo soviético da América Latina, que expressava o poder paralelo e a democracia direta das massas.

Os bolivianos, com a ajuda de seu partido revolucionário, foram conseguindo se livrar das ilusões democráticas. A maioria da nação despreza a obrigatoriedade do voto e das instituições democráticas burguesas. Os conflitos

tos sociais rapidamente se radicalizam e as lutas adquirem caráter de luta política contra o Estado burguês.

O momento decisivo do embate se deu quando os manifestantes ocuparam o centro da capital, impediram o acesso da polícia, organizaram seu cabildo aberto (assembléia popular) e decidiram pela autodefesa armada, pelo erguimento de barricadas armadas nos bairros, pelo cerco armado ao palácio do governo. A constituição do cabildo aberto é o passo para se constituir um poder paralelo ao Estado burguês, e escapar do controle burocrático dos dirigentes sindicais (burocracia), que buscam às costas das massas os acordos e a conciliação com os opressores, para que a opressão se mantenha.

O armamento das massas é outra das características do levante boliviano. O governo não pôde contar com a repressão local para enfrentar os manifestantes. Grupos de soldados se negaram a reprimir seus irmãos que se mobilizavam rumo a La Paz e o governo teve de convocar tropas da região oriental da Bolívia e contar com a direção estratégica de agentes dos EUA, que ainda auxiliaram a repressão com armas. Nas forças armadas bolivianas e na sua polícia, há setores sob a influência do trotskismo, o que abre a possibilidade de divisão do aparato repressivo, sem o que não se tem como realizar o armamento efetivo das massas.

As tendências da situação

O levante revolucionário pode sofrer nos próximos dias um recuo, porque os dirigentes de alguns setores camponeses (Evo Morales, Filipe Quispe) estão dispostos a uma trégua com o novo governo, a fim de negociarem sua participação no Estado opressor. A burguesia boliviana busca um rearranjo de forças no interior do aparato estatal burguês que lhe permita preservar o regime político. Alguns setores do movimento já estão voltando para suas cidades e baixando as barricadas e bloqueios. O cansaço se abate nos lutadores após tantos dias de combates, jornadas de centenas de quilômetros e pela morte de seus parentes.

Qualquer que seja o resultado imediato desse processo, o recuo do movimento será passageiro e terá de retomar a



O cabildo aberto é a assembléia popular com poderes máximos

radicalização. A razão é que não será possível a nenhum governo burguês atender às reivindicações mais sentidas pelos camponeses, operários, professores e estudantes. Esse atendimento implica na luta antiimperialista, enfrentar os interesses dos Estados Unidos, que determina a política de destruição dos cocaís e das reformas neoliberais, e essa luta não será travada por nenhum governo burguês, somente as massas sublevadas o farão, por meio de um governo operário e camponês.

Os acordos de pacificação assumidos pelos dirigentes corrompidos Evo Morales e outros selarão seu destino, pois os comprometerão com as diretrizes políticas da burguesia, contrárias às reivindicações camponesas.

As propostas da burguesia diante da crise não solucionarão qualquer problema. A antecipação de eleições proposta pelo novo governo vem no sentido de rearranjar as forças capitalistas e de incorporar as lideranças reformistas no novo governo, isto para que tentem bloquear o ascenso revolucionário a partir de sua presença no aparelho de Estado. Não está voltada às massas, que na sua esmagadora maioria desprezam a via eleitoral.

A proposta de realização de uma assembléia constituinte serve para incorporar algumas reivindicações das nacionalidades indígenas no aparato jurídico-institucional do país. É uma proposta distracionista para que os

instituições democrático burguesas e não as atropelem com sua democracia direta, que para se impor terá de varrer com a burguesia pela revolução social.

As correntes de esquerda que apoiam a proposta da burguesia de assembléia constituinte ou mesmo de antecipação das eleições como saída para a crise dificultam a irajetória das massas rumo à revolução. O que está colocado é impulsionar o choque entre a satisfação das necessidades mais sentidas das massas e a traição a elas que será feita pelas direções conciliadoras. Ao retomarem o rumo do levante, as massas resolverão a questão da disputa pelo poder político impondo sua própria democracia, que excluirá a burguesia submissa ao imperialismo, será capaz de defender com as armas a independência nacional e possibilitará desenvolver a economia sobre as bases da propriedade coletiva dos meios de produção, na perspectiva dos Estados Unidos Socialistas da América Latina e da pátria universal socialista.

O programa do POR, que expressa essas lutas como teoria científica do proletariado, é uma conquista dos oprimidos bolivianos. Conhecê-lo e assimilá-lo criticamente é uma tarefa colocada para os que pretendem construir partidos revolucionários pelo continente e trabalhar por essa perspectiva.

Viva a Revolta das Massas Bolivianas!

Pelo governo operário e camponês!
Pela Revolução Proletária!

Manifesto do POR brasileiro de 14/10/2003

Todo apoio à luta revolucionária na Bolívia! Abaixo o governo genocida e entreguista de Sanchez de Lozada!



As últimas manifestações de massa por toda a Bolívia saíram do isolamento costumeiro imposto pela imprensa para ocupar as primeiras páginas dos jornais. Nas últimas semanas, os movimentos de camponeses, operários mineiros, professores, estudantes e populares ganharam força e unidade, ao convergirem para as reivindicações da não entrega do gás natural aos EUA e da deposição do presidente Sanchez de Lozada, lá conhecido como "Goni".

No final de semana de 11 e 12 de outubro e no dia 13, as marchas de operários mineiros e de camponeses adentraram a capital La Paz, sob forte repressão policial, e chegaram a ultrapassar os 55 mortos, com mais de 200 feridos. A capital estava isolada, sitiada, pois os bloqueios de estradas impediam a ida ao aeroporto, que fica em El Alto, uma cidade periférica que concentrou grande parte das lutas e confrontos recentes.

Diante desse quadro de luta geral no país, dezenas de mortos e cerco da capital, o governo cedeu e anunciou que não venderá mais o gás aos EUA. Mas o movimento não recuou, pois não se trata de uma reivindicação isolada, os movimentos exigem a deposição do governo capacho dos EUA. Até mesmo a submissa burguesia boliviana está dividida: o partido MIR, aliado do presidente, anunciou a retirada do apoio de seu vice-presidente e a renúncia de seus ministros. A Igreja tenta mediar uma negociação entre as partes, para tentar deter o movimento revolucionário que pode derrubar o governo sob a ação violenta das massas.

A luta destas últimas semanas é a continuação do ascenso geral dos movimentos, que em fevereiro último já chegou a formular a reivindicação de

deposição do presidente. Naquela ocasião, o governo tentou impor um aumento geral de impostos e foi derrotado pela luta da população, que teve ao seu lado uma parcela das forças policiais, que chegaram a trocar tiros com as tropas leais ao governo. Na Bolívia, desenvolve-se uma situação revolucionária, apontada com clareza pelo POR boliviano, e que é consequência do amadurecimento de seus movimentos sociais, que ao longo da história foram rompendo com as ilusões democráticas e caminhando rumo à revolução social (apenas uma parcela da população – em torno de 35% – vota, apesar do voto obrigatório).

Cabe aos movimentos de todos os países, em particular os da América Latina, apoiarem a luta revolucionária que se desenvolve na Bolívia, conhecerem sua história e suas particularidades, assimilarem criticamente a experiência do partido operário revolucionário de lá, que tem uma trajetória de 65 anos e um programa que descreve a realidade do país e aponta a resolução dos problemas pela via da revolução proletária.

A questão do gás

A Bolívia tem as maiores reservas de gás do continente e uma das maiores do mundo. Mas o país é extremamente atrasado e sua classe dominante é um marionete dos Estados Unidos. Recentemente, tornou-se interessante para o imperialismo adquirir o gás boliviano, diante da alta nos preços do petróleo.

O governo ianque impôs então um acordo de compra de gás do país altiplânico, que seria exportado pelo norte do Chile para os EUA, a preços irrisórios. Quem ganharia com esse acordo seriam os EUA, que teriam a matéria-prima a

preço de banana, e uma fração da burguesia chilena, que faria a intermediação. Há um ranço antigo dos bolivianos em relação ao Chile, porque no final do século XIX uma guerra com esse país levou a Bolívia a perder seu contato com o mar. A revolta da população com o acordo era tripla: pela entrega da riqueza do país, pela opressão ianque e pelo favorecimento de um vizinho odiado. Todos os movimentos do país levantaram a bandeira de não entrega do gás aos EUA.

A luta dos camponeses. Até alguns anos atrás, 40% do PIB boliviano era formado pela plantação de folha de coca. Esta é matéria-prima para a industrialização da cocaína. Mas para os bolivianos é artigo medicinal e parte de sua cultura secular. E, principalmente, meio de vida. Nos últimos anos, o governo norte-americano tem pressionado o país para erradicar o plantio da coca e substituí-lo por outras culturas. A esmagadora maioria do país é indígena e camponesa, vive da terra. A destruição das plantações de folha de coca tem aumentado a miséria no país, porque os camponeses não têm como viver sem essa cultura. As famílias que tentaram a mudança de cultura ficaram ainda mais miseráveis, porque não há mercado consumidor para suas colheitas, que se desvalorizam. Os camponeses têm se organizado para resistir à destruição das plantações, que são feitas diretamente ou sob a supervisão das tropas dos Estados Unidos (DEA). O POR boliviano tem se colocado ao lado dos camponeses e defendido a plantação de coca, e mais ainda: a liberdade de industrialização dessa cultura. A questão do tráfico de drogas é um problema do imperialismo, que consome na Europa e Estados Unidos mais de 90% da produção mundial de cocaína. Não é justo que

os camponeses tenham de pagar com suas vidas pela fome por um problema que é dos países desenvolvidos (imperialistas). As recentes mobilizações dos camponeses exigem o fim da destruição das plantações de coca, que o governo boliviano fantoche dos EUA quer impor.

A marcha dos operários mineiros

A classe operária boliviana tem nos mineiros seu setor mais expressivo. Ao longo dos anos 1990, a crise de superprodução capitalista foi desvalorizando o cobre e estanho no mercado mundial. As minas foram demitindo e sendo fechadas, o setor dos mineiros encolheu a 10% do que já foi. Ainda assim, é o principal setor operário da economia.

Tem uma trajetória histórica de luta, que teve seus pontos altos: a) na organização da Federação mineira nos anos de 1940. As Teses de Pulacayo foram o primeiro programa operário revolucionário, que apontava para a revolução proletária como saída para os problemas do país; b) na Revolução de 1952, quando os mineiros entraram em La Paz com dinamites e junto aos camponeses derrubaram o governo, mas colocaram em seu lugar o nacionalismo burguês, que não poderia ser capaz de realizar as transformações democráticas e socialistas que a nação reivindicava; c) na Assembléia Popular de 1971, primeira organização de tipo soviético da América Latina.

Hoje, os mineiros saem às ruas desde a cidade de Oruro para exigirem em La Paz as suas reivindicações, de defesa do emprego e salário. E a queda do governo submetido aos EUA. Em várias cidades pelo país, há greve em defesa do emprego e salário.

As lutas de professores e estudantes

Os professores e estudantes têm protagonizado na última década os maiores confrontos nas ruas da capital contra os governos, que aplicam, ou tentam aplicar, as diretrizes dos organismos internacionais ao país em relação à educação.

De forma semelhante a outros países, a política governamental é a de cortes



As barricadas nos bairros foram decisões do cabildo aberto

nos orçamentos, de forma a beneficiar o parasitismo financeiro sobre o Estado, e a de privatização. No caso da Bolívia, esses ataques pressupõem o fim da paridade docente-estudantil e soberania da assembléia universitária, conquistada em duras lutas desde os anos 1970, como por exemplo em Oruro, cidade em que a luta estudantil, aliada à classe operária, foi capaz de impor a desapropriação de casarões da burguesia ligada à mineração e colocá-los como sedes dos institutos universitários (até hoje o são) e alcançar o poder estudantil na universidade (um estudante foi Reitor). A burguesia precisa restaurar o poder da burocracia universitária, sua marionete, para impor os cortes e a privatização.

Os professores têm lutado nas ruas para impedir a aplicação dos cortes de orçamento e rearranjos na carreira, que na verdade destroem a carreira docente, e levam ao arrocho salarial e demissões, além de fechamento de salas de aula e superlotação de outras.

O levante popular

A cidade de El Alto é vizinha a La Paz. Ali se concentram os camponeses expulsos de suas terras pela destruição das plantações de coca, os desempregados, pequenos comerciantes, operários das poucas fábricas da capital. A pobreza é avassaladora. Nos últimos meses, os estudantes têm protagonizado lutas pela instalação da universidade de El Alto. Os pequenos comerciantes lutam para defender seu direito elementar de sobreviverem de seu trabalho. Ao mesmo tempo, em cidades como Cochabamba,

que há dois anos protagonizou uma revolta popular vitoriosa pela água, também os movimentos se insurgem.

O desenlace da situação

A Bolívia é o país latinoamericano com maior desenvolvimento das lutas de classe. Um país de analfabetos, indígenas camponeses, miserável, isolado, com uma economia raquítica, alcançou elevado nível de consciência nas massas, esgotou as ilusões

democráticas e caminha para a revolução social. Teve e tem papel nisso tudo o POR, partido trotskista que conseguiu ao longo de sua história, a partir de sua intervenção nos movimentos e da elaboração crítica e autocrítica de seu programa, participar da assimilação da política proletária pelos movimentos sociais do país.

Isso apesar do isolamento imposto pelas correntes e partidos de esquerda nos outros países, que procuram impedir o acesso à história política boliviana e de seu partido revolucionário.

Nos últimos anos, o POR tem enfrentado uma crise organizativa, que tem justamente como centro a luta para ajustar sua intervenção e organização à situação revolucionária que se vive no país. Essa luta pode ser sintetizada na necessidade do partido emergir como direção física desses movimentos. Essa luta tem sido descrita abertamente nas páginas de seus jornais ("Massas"). É a luta para criar as condições favoráveis ao desfecho do ascenso revolucionário, que certamente impulsionaria a revolução socialista internacionalmente, revertendo o quadro imposto pela falência do estalinismo contra-revolucionário. A tarefa dos lutadores de todos os países é apoiar decididamente a luta que na Bolívia se trava, para que ela se desenlace de forma favorável às massas.

Pela derrubada do governo pró-imperialista!

Pelo controle operário coletivo do petróleo e do gás!

Pelo governo operário e camponês!

Enganam e mentem os que dizem que o gás deve voltar às mãos do governo (agora de Goni), que deve sair pelo Peru e não pelo Chile, para que o povo deixe de ser pobre e se transforme em soberano.

Esquecem que todo governo burguês serve às multinacionais (ao imperialismo). A consigna correta: A ditadura do proletariado (filha da revolução) tomará o gás em suas mãos e os meios de produção para acabar com a miséria.

O Gás Não Deve Ser Vendido Nem Pelo Chile Nem Por Nenhum Lugar. Somente a Ditadura do Proletariado Garantirá que Sejam Livres e Donos de Nossos Destinos.

A história dos governos da burguesia nacional é a história do roubo de nossos recursos naturais em favor do imperialismo. Antes foi o estanho, amanhã será o gás.

A burguesia nacional (grandes proprietários que dominam o governo e o país) não é uma burguesia industrial. Não produz nada... só vende matéria prima sem elaboração e embolsa o dinheiro obtido, e mata de fome o povo. A burguesia nativa nasceu e morrerá como agente das empresas estrangeiras imperialistas que vêm ao país para saqueá-lo, é antinacional e vendida.

O governo vendido do

MNR-MIR-NFR faz o possível para dar de bandeja o gás para que as multinacionais, que têm se apoderado desse valioso e cobiçado recurso natural, possam fazer uma negociata multimilionária com sua venda aos Estados Unidos, a custo dos interesses do país, que não receberá mais que esmolas, que irão parar nos bolsos dos governos de plantão.

Com toda a razão, os operários e camponeses e os setores explorados assinalam que o gás deve ser convertido na base do desenvolvimento nacional. As multinacionais condenam o país a se afundar no atraso, são o maior obstáculo para o desenvolvimento nacional.

Os operários, camponeses e os setores explorados decidiram que o gás deve se converter em base do desenvolvimento nacional e que beneficie a maioria.

Para que o gás possa servir as maiorias, devemos consumir a revolução social. O governo de operários e camponeses abrirá o caminho para o socialismo. Somente então seremos donos de nossos recursos e os utilizaremos em nosso próprio benefício. Os que buscam transformar esta luta em reforma das leis, através da Constituinte, são agentes do inimigo.

Nota do Comitê Regional de La Paz do POR de 14 de Setembro de 2003

O Fortalecimento do POR é a garantia para assegurar a vitória da luta revolucionária. O internacionalismo proletário potencia nossa luta contra o imperialismo selvagem e inimigo do homem.

Onde se Encontra a Verdadeira Direção Revolucionária?

Não a encontraremos nos partidos que se limitam a buscar se infiltrar no aparato estatal para roubar não importa em que condições, muito menos as camarilhas que se limitam a servir aos governos e às multinacionais.

Essa direção não pode ser formada por demagogos e impostores que usam a mentira e a sem-vergonhice em seu interesse próprio, no de seus parentes ou chefes políticos. Esses são inimigos do povo e da revolução. Por isso, precisamos expulsá-los de todos os cargos de direção ou administração dos interesses populares.

É muito interessante a este respeito o informe do governo norte-americano, no sentido que a Bolívia ocupa o terceiro lugar entre todos os países que produzem

a droga chamada cocaína. Muito poucos ignoram que na camarilha que fabrica e comercializa essa droga estão membros da cúpula governante, burguesa e servente das multinacionais, do imperialismo.

A direção revolucionária não está no seio da burocracia sindical, corrupta, reacionária, ladra; nem muito menos nos partidos reacionários, legalistas, eleitores, componentes e serventes do oficialismo, da burguesia.

A direção revolucionária está no seio das massas radicalizadas, que lutam nas ruas e estradas e não exigem dinheiro pelo que dizem ou fazem. O POR está aí.

Tarefa da Militância: Assinalar a Linha Política que Conduzirá

as Massas até a Tomada do Poder Político

Esse objetivo supõe organizar células poristas no seio da classe operária. Esse trabalho não pode ser cumprido se não consegue exprimir claramente a linha tática que levará ao cumprimento da finalidade estratégica.

O Grau de Maturidade da Luta de Classes Exige qual Resposta?

Não se trata unicamente da radicalização impressionante do assalariado, mas das nacionalidades nativas subjugadas, que parecem indicar que tem chegado o momento de sua libertação.

Os explorados vêm se mobilizando seguros de que imporão suas reivindicações e dobrarão o braço do governo e dos setores até agora poderosos. Tudo isso é uma prova do grau de radicalização acentuada das massas.

Os camponeses estão seguros de que podem paralisar as cidades e que isso fará com que o governo se esfacele. E que poderão recuperar novamente toda a terra que lhes foi usurpada ao longo dos séculos.

Essa maturidade, para ser transformada em política revolucionária, tem de

ser expressão da Aliança Operária e Camponesa, ou seja, da política proletária.

Assim fica expressa a certeza de que a pequena propriedade agrícola (razão pela qual, ao longo da história, os camponeses apoiaram setores burgueses) se solde e desapareça nas fazendas coletivas.

Como se Expressará Organizativamente?

O movimento camponês deverá ser

organizado pelo POR, para que isso seja possível este partido deverá proletarizar ideologicamente a melhor parte do campesinato.

Devemos nos apoiar na tradição, história e lendas que afloram na luta das massas, o que permite retomar a luta pela conquista do poder, que foi truncada em 1971 pelo golpe gorila de Banzer, assinalando a estratégia da ditadura proletária.

Os comentários dos Camponeses do Altiplano

O problema do gás está sendo propagandizado pelos burocratas de sempre: O Mallku (Quispe) e Evo Morales, o primeiro é agente invisível do atual governo e enganador permanente das bases camponesas, trabalham lado a lado e ajudam os ladrões do MIR. Agora novamente procura novamente cooptar os camponeses humildes a partir do Teatro da Rádio São Gabriel, aparentando ser um Mallku honesto, moral e direito. O pior é que repete e repete que é pai de milhões de pobres e na prática não é mais que um aproveitador.

O segundo – Evo Morales – é sobretudo um grande eleitoralista, uma pom-

ba voadora que deseja se apropriar de Alcaldias (prefeituras) e do Palácio Quemado (sede presidencial). Seu maior objetivo é ser presidente da república, para logo mais se colocar a serviço das multinacionais e continuar explorando as maiores empobrecidas da Bolívia.

Evo atualmente busca desesperadamente entrar em contato com empresários privados, com as forças armadas, com alguns setores intelectuais burgueses, isso quer dizer que tem a mesma plataforma política que a classe dominante. O Masista (de MAS – Movimento ao Socialismo – partido de Evo Morales) da mesma forma que Mallku e os ladrões dos

governos burgueses são serventes do imperialismo.

Ambos procuram se tornar cada vez mais milionários pela via da corrupção e do latrocínio. Esses dois malandros manejam os camponeses como se fossem suas ovelhas.

Com tais impostores e mentirosos, as lutas dos trabalhadores se vêm estancadas.

Agora, a única verdade é o único caminho é expulsar a todos os piolhos e pulgas dos poderes do Estado, através da revolução social para instaurar o comunismo.

Uma tarefa para os oprimidos de todo o mundo: Estruturar Partidos Operários com um Programa Marxista-Leninista-Trotskista

Esses Partidos devem revelar as leis do desenvolvimento e transformação qualitativa (revolução social) dos países em que atuam. Ao mesmo tempo, devem se apoiar infalivelmente no internacionalismo proletário, que se traduz na tática da Frente Antiimperialista, que, no caso do continente latinoamericano, se concretiza nos Estados Socialistas da América Latina.

O Papel do Programa de Transição

Muitos dos que se reclamam da Quarta Internacional sustentam que existindo o Programa da Quarta Internacional (redigido por Trotsky) não são seriam necessários programas para os diferentes países.

Esse ponto de vista ignora um problema central. O Programa de Transição expressa as leis gerais da revolução proletária mundial.

Na verdade, a revolução social começa nos países onde ocorre uma grande

evolução da consciência de classe (política) e que será protagonizada pela classe operária e as massas oprimidas, que expressam a sua maneira as particularidades nacionais, terão necessariamente de ganhar o cenário internacional, realidade politicamente expressa pela IV Internacional.

A Internacional assinala os objetivos da luta revolucionária mundial que será concretizada pelas seções nacionais.

A luta revolucionária não pode ignorar os programas nacionais, que são os

caminhos para concretizar a luta contra o capitalismo moribundo.

Que tarefa temos que cumprir agora?

Temos que começar discutindo os programas que já tenham os que organizam as seções nacionais da Internacional, se ainda não foram organizados, podemos participar das discussões necessárias.

Partimos da certeza de que os militantes revolucionários dos outros países conhecem a realidade em que trabalham.

O objetivo que perseguimos

Estamos vivendo um momento de acentuação da luta de classes no plano internacional e boliviano.

A resposta a essa realidade: as massas estão radicalizadas e, com suas atitu-

des instintivas, demonstram que buscam continuar a luta pela conquista do poder político, interrompida em 1971 (quando Banzer deu um golpe para acabar com a Assembléia Popular).

A situação revolucionária amadureceu para que o POR assinale a perspectiva revolucionária de mobilizar-se e armar-se para a tomada do poder.

(extraído do jornal "Masas" boliviano nº 1871 de 19 de setembro de 2003)

Capa do Massas 1872, de 26/09/2003

OCORREM ALGUMAS AÇÕES DE MASSAS (bloqueios, marchas, greves de fome). Corresponde lançar a luta contra a miséria, a desemprego, impor cabildos ou a vontade DIREÇÃO deve surgir do seio das massas em luta. GANHAR AS FORÇAS ARMADAS E A POLÍCIA e transformá-las em pontais da luta popular.

CORRESPONDE ao PARTIDO REVOLUCIONÁRIO ASSINALAR o CAMINHO QUE PERMITA MATERIALIZAR o OBJETIVO ESTRATÉGICO, a TOMADA do PODER: ORGANIZAR e ARMAR o POVO PARA GENERALIZAR a LUTA e ASSENTAR AS BASES PARA a VITÓRIA INSURRECIONAL. PARA GENERALIZAR a LUTA É PRECISO LANÇAR AS CONSIGNAS QUE BUSQUEM SUPERAR OS PROBLEMAS GERAIS e PROFUNDOS DAS MASSAS e EXPLICAR QUE, PARA LIBERTAR OS OPRIMIDOS e EXPLORADOS, é PRECISO TOMAR o PODER POLÍTICO e EMPURRAR para o BURACO o GOVERNO BURGUESES e SEU PARLAMENTO MISERÁVEL. SÓ ASSIM VARREREMOS O IMPERIALISMO e o GOVERNO QUE LHE SERVE.

QUAL o OBJETIVO ESTRATÉGICO NA LUTA?

Há revolução social se se abandona o colaboracionismo e a subordinação à burguesia

Os bloqueios, as marchas, toda ação direta das massas (expressões dos métodos de luta, da ação direta, da tática das massas), adquirem projeção revolucionária se levam as massas (operárias, camponesas, da classe média) rumo à conquista do poder político e a instauração da ditadura do proletariado (governo operário-camponês).

O objetivo anterior, o de maior importância nesse momento que se vive, se materializará com reivindicações que ponham em pé de guerra a maioria dos explorados e oprimidos. Há que atualizar toda a poderosa herança que o povo acumulou ao longo da luta contra o imperialismo e a burguesia nativa, servente das multinacionais.

Fortalecer as mobilizações lançando os seguintes objetivos:

SALÁRIO MÍNIMO VITAL COM ESCALA MÓVEL, em relação ao aumento dos preços das mercadorias.

Eliminar o desemprego massivo ARRANCANDO a ESCALA MÓVEL DE HORAS DE TRABALHO, COM REFERÊNCIA ao NÚMERO DE OPERÁRIOS DESEMPREGADOS e COM o TRABALHO disponível, o que supõe a diminuição da jornada de trabalho, sem que signifique uma redução dos salários, o mínimo que se deve receber para assegurar a vida de uma família em condições humanas.

LIVRE COMERCIALIZAÇÃO E INDUSTRIALIZAÇÃO da FOLHA DE

COCA (que implica em sua transformação em cocaína).

CONTROLE OPERÁRIO COLETIVO (não Individual) das FÁBRICAS, MINAS, FAZENDAS INDUSTRIALIZADAS.

RECUPERAÇÃO DE TODA a TERRA SEM INDENIZAÇÃO e SUA ENTREGA em USUFRUTO aos CAMPONESES, na PERSPECTIVA DE TRANSFORMÁ-LA em FAZENDAS COLETIVAS MAQUINIZADAS.

AUTODETERMINAÇÃO DAS NAÇÕES NATIVAS (supõe sua organização política em Estados soberanos).

VIVA a AÇÃO DIRETA DAS MASSAS! ABAIXO o PARLAMENTO, o LEGALISMO, a submissão ao Estado e lei burgueses!

G. LORA responde a “EL ALTENO”

Transcrevemos um resumo das respostas do militante trotskista ao jornal da cidade de El Alto: O “sequestrador de papéis”, como prefere ser chamado, o ideólogo de marxismo boliviano, falou de El Alto...

Nascido em um centro mineiro de Potosí, Lora se caracteriza por ser um dos ideólogos que mais escreveu sobre o problema sindical, no qual participou e travou duras batalhas ideológicas.

À pergunta do jornalista: Qual seu balanço sobre a situação social de El Alto?, respondeu:

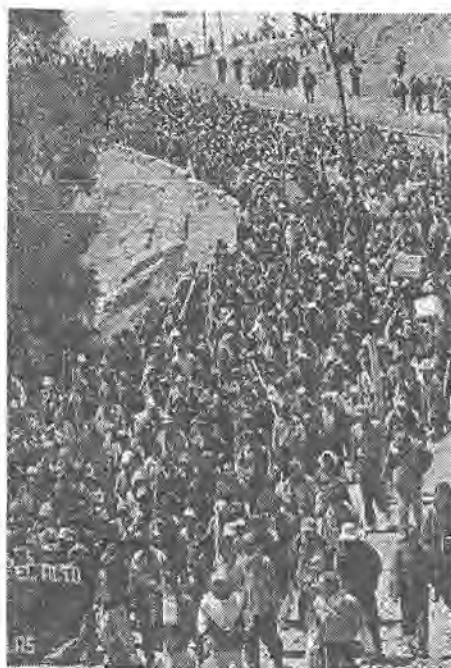
El Alto é uma espécie de prolongação do campo, do agro, que constituiu uma cidade, que no entanto não tem o apoio pleno do capitalismo desenvolvido, que devia ser um setor de grande produção fabril, de instalação de empresas maquinizadas etc., porque tem algumas vantagens em relação a La Paz, como é sua topografia, e é uma cidade nova.

Mas, reflete o atraso do país em todos os aspectos, no econômico, cultural etc. Surpreendem-se de que a universidade esteja lutando para se converter em universidade autônoma, quando todo o sistema universitário fiscal do país é autônomo.

Pode parecer que querem relegar El Alto a uma categoria de cidade de segunda classe. Quando quem está em El Alto se dá conta de que nem sequer a Prefeitura está bem instalada. Há letreiros que falam de que se está exagerando alguns problemas urbanos.

No entanto, El Alto está dentro do processo que é típico nas massas em seu empenho de transformar radicalmente o país, não convertê-lo no refúgio de camponeses sem possibilidades de uma vida digna e tampouco dos pequenos empresários ou proprietários.

Esse movimento social, que tem como cenário a cidade de El Alto, é um processo que segue marchando, mas que como propostas políticas doutrinárias, como atividades fundidas no impulso instintivo das massas operárias e camponesas, sobretudo das proletárias. Recordo que os primeiros operários que foram relocados, partiram em massa para instalarem-se na cidade de El Alto, é lógico que eles levavam,



Marcha popular de El Alto rumo a La Paz

como experiência e tradição, a urgência de destruir a grande propriedade privada burguesa dos meios de produção e o governo que a representa, o governo da burguesia que serve ao imperialismo.

Então, como em nenhuma outra parte se vê a consequência da submissão do país ao imperialismo, é fundamento e cenário da atividade do capitalismo norteamericano, mas, no entanto, esse capitalismo não a transforma em uma urbe moderníssima.

O jornalista perguntou: “Será por isso que a cidade de El Alto foi qualificada como uma bomba relógio?”

Bolívia é isso, a Bolívia inteira vai explodir, não somente El Alto, porque essa cidade não viveu a experiência de outras populações, sobretudo das mineiras. Vejamos o caso de Siglo XX, segue sendo um grande centro revolucionário, porque foi o cenário em que se ia formando a classe operária boliviana, que com referência ao proletariado de outros países latinoamericanos, por exemplo, é mais politizado, mais avançado ideologicamente: preparado para poder dirigir uma rebelião popular onde estejam os camponeses, pequenos proprietários etc.

Contente os proprietários podem assi-

nalar um caminho certo, como resultado de sua própria experiência, da que vivem. Os proletários já protagonizaram essa luta, destruir a grande propriedade privada, que é a essência da história, que se expressa na luta entre a grande propriedade privada e a propriedade social, não confundir com a pequena propriedade, porque continua sendo privada. A propriedade social tem de estar nas mãos da sociedade, será de todos e de ninguém. Tal é o desenvolvimento histórico.

Se se realiza a revolução social, El Alto se transformará em uma grande urbe, muitas condições lhe favorecem para isso. É uma vantagem frente a La Paz, que é uma cidade que se desmorona, porque a maior parte de seu terreno é degradada e solta.

O porvenir dessas cidades está no fato de que devem consumir sua transformação revolucionária, que está latente e atua.

À classe operária ninguém vai substituir, porque é a potência revolucionária que amadureceu para expressar o instinto comunista do proletariado. Tem uma elevada porcentagem de analfabetos. Trabalha à margem das cidades grandes. Tudo depende de que o proletariado retome o processo rompido em agosto de 1971 e que está latente como história, como tradição, como lenda nas massas, que demonstram sua capacidade de escrever sua história.

O PROLETARIADO ESCRVE a HISTÓRIA

A Assembléia Popular ia tomar o poder, instaurar a ditadura do proletariado. Veio o golpe gorila do Plano Condor e frustrou o processo, não desapareceu de todo, ficou como experiência, como tradição que voltou nas ações de fevereiro de 2003. Será retomado esse processo truncado, onde estão os germens da sociedade jovem.

O movimento social soube ultrapassar e sepultar as direções burocratizadas.

Nesse processo está o porvir de El Alto, que não será o centro em que se for-

me o proletariado, que é ideologia, programa, as Teses de Pulacayo.

Outra pergunta: A COR está dirigida por um gremial e acredita que seja a alternativa para que conduza a luta social?

A resposta. O que é a crise? É a paralisação parcial da produção, o desemprego massivo, não supõe que desapareceu o proletariado, uma parte deste se transformou no exército industrial de reserva. Os operários estão aí sem trabalho, nada mais. A classe em sua essência é programa, é política, e esse programa e essa política existem e atuam; mais ainda, são essas coisas que importam. as outras classes e setores, incluída a burguesia, não são mais que caricatura dalgum caudilhinho que aparece.

Sempre pode haver um golpe de Estado e também um autogolpe, quando o governo está a ponto de cair. É muito suspeito que reorganizem as FFAA e a polícia.

Diferentemente de outros países, o trotskismo penetrou nas FFAA e na polícia, coisa que para os observadores de outros países parece inacreditável. Esquece-se que a classe dominante não criou sua cultura própria, repete e imita a cultura da nação opressora.

Operários, camponeses, professores e estudantes saem às ruas na Bolívia:

NÃO à entrega do gás aos EUA e pela deposição do presidente.

O governo reprime duramente: são dezenas de mortos e mais de cem feridos. Nossa tarefa:

TODO APOIO À LUTA REVOLUCIONÁRIA NA BOLÍVIA



POR Partido Operário Revolucionário **Jornal** **MASSAS**

Cartaz do POR brasileiro de campanha de apoio à luta na Bolívia

O QUE DEVE SER a UPEA (Universidade Popular de El Alto)

O jornalista G. Pérez diz: G. Lora afirmou que a sorte da universidade boliviana e não só da UPEA, está em que a verdadeira defesa da autonomia, que tenha autogoverno que não dependa do Poder Executivo e que a luta por seu aprofundamento se oriente para o Poder Estudantil. Que a massa estudantil dirija a política universitária, que possa se organizar, controlar e até mesmo deixar de lado as camarilhas de catedráticos e funcionários, que são forças reacionárias e conservadoras.

A verdadeira transformação virá quando a universidade deixe de ser instrumento da burguesia, que hoje deve formar os auxiliares dessa e robôs no

processo da produção e seus cérebros são substituídos pela internet.

O universitário já não raciocina, já não produz idéias, consequência de que o capitalismo separou a teoria da prática.

O P.O.R. é o único partido marxista que existe na Bolívia. Existe porque assinalou em seu programa as leis do desenvolvimento e transformação qualitativa do país. Suas conclusões foram corroboradas pelo

desenvolvimento histórico.

Seus prognósticos sobre o papel do MNR, MIR, FSB, ADN, se cumpriram plenamente, o que foi possível porque maneja o materialismo histórico, que permite assinalar as leis que regem este país, partindo do conhecimento da realidade boliviana.

Lora concluiu que os poristas se declaram bolcheviques e conspiradores que em momento algum pediram pensões porque foram presos, perseguidos ou desterrados.

O POR é seção boliviana da Quarta Internacional e busca materializar os Estados Unidos Socialistas da América Latina, o que permitirá sepultar o imperialismo, as multinacionais e consolidar a revolução boliviana.

ALGUMAS RESOLUCÕES QUE URMA (corrente revolucionária nos professores) FEZ APROVAR no CONGRESSO do MAGISTÉRIO

I. GÁS

O GÁS NAS MÃOS do ESTADO SOCIALISTA (GOVERNO DE OPERÁRIOS e CAMPONESES), ASSIM PLANIFICAREMOS o DESENVOLVIMENTO INTEGRAL da ECONOMIA BOLIVIANA APOIANDO-NOS NESSE IMPORTANTÍSSIMO RECURSO ENERGÉTICO.

II. ESCALA MÓVEL DE HORAS DE TRABALHO.

O GOVERNO DEVE DECLARAR a VIGÊNCIA da ESCALA MÓVEL DE HORAS DE TRABALHO. O TRABALHO DISPONÍVEL DEVE DIVIDIR-SE ENTRE TRABALHADORES ATIVOS e DESEMPREGADOS, SEM DIMINUIR os SALÁRIOS VIGENTES.

III. A ALCA

RECHAÇAR a INCORPORAÇÃO DA BOLÍVIA a ALCA. CHAMAR os EXPLORADOS do PAÍS e da AMÉRICA LATINA A LUTAR CONTRA a ALCA.

Extraído do Massas boliviano nº 1872, de 26/09/2003

Ato público no Consulado boliviano

Diversas organizações políticas realizaram um ato público em frente ao Consulado Boliviano no dia 15 de outubro em São Paulo. Cerca de 40 manifestantes protestaram e tiveram uma comissão recebida pelo Cônsul, a quem se entregou um manifesto de repúdio pelos assassinatos de manifestantes e a exigência de renúncia do presidente. A seguir se organizou um Comitê de Apoio à luta do povo boliviano.